

Análise Póstuma da Transferência¹

Djmena Coral Nakamura², Campinas, São Paulo

Resumo: A partir do material clínico de um atendimento, a autora propõe uma compreensão sobre o fenômeno da transferência sob a perspectiva da teoria Kleiniana. O enredo dessa análise é assinalado por uma interlocução com a obra *Memórias Póstuma de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

PALAVRAS-CHAVE: Transferência; Desenvolvimento Mental Primitivo; Melanie Klein; Machado de Assis.

Análise Póstuma da Transferência

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. (Assis, 1881/1994, p.17)

1 Trabalho realizado para conclusão do módulo sobre Klein do curso de especialização “Psicanálise para Psicoterapeutas” promovido pela SBPCamp. Apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise/ FEBRAPSI-SBPSP, 2015.

2 Endereço: Rua Ana Viana Silveira Franco, 18. Sala 45. Sousas – Campinas/São Paulo. CEP: 13.105-823. Telefone: (19) 99735-6266. Endereço eletrônico: djme_coral@yahoo.com.br

Introdução: Sobre a morte e o sonho

Ao iniciar esse trabalho, com intuito de relatar o estudo de um caso recém-findado, passava pela agrura de me sentir uma terapeuta finada.

A inquietação da escrita inacabada, da palavra que não alcança facilmente o sentido do que é vivido. A inquietação das sessões interrompidas, pouco depois da eleição do caso. Numa das madrugadas de escrita, reli o título que havia determinado – Análise da Transferência – e, com certo pesar, incluí o fatídico adjetivo “Póstuma” na sentença. E exatamente como Brás Cubas: “Fiquei aliviado (a) e fui dormir. Mas o sonho, que é uma fresta do espírito, deixou novamente entrar o bichinho, e aí fiquei eu a noite toda a cavar o mistério, sem explicá-lo.” (Assis, 1881/1994, p.82)

E, assim, naquela noite, Machado de Assis adentrou meus sonhos, deixando emergir em mim a maleabilidade necessária do sonhar acordada. Dessa forma, esse é um trabalho que considero atravessado pela obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Aproveito a companhia fúnebre de seu “defunto autor”, eu – a defunta autora – recém-nascida.

Através do empréstimo desse personagem da produção literária de Assis encontro uma experiência prazerosa e significativa que movimenta a confiança e a esperança na minha capacidade de examinar e dar sentido à dinâmica desse caso clínico e às narrativas que despertaram, temporariamente, minhas “ansiedades a respeito da aniquilação interna e a perseguição externa” (Klein, 1940, p.390).

Capítulo 1 – Óbito da autora: “Você atua na linha psicanalítica?”

“*Essa paciente lhe procurou já tendo em mãos o destino traçado de sua análise: o fim eminente.*” Assim anunciou meu supervisor posteriormente. Eu já sabia que, possivelmente, não haveria mais tempo com a Malu real, com os encontros pulverizados com o ar incerto do não alcance. Mas pude então considerar que, ao menos nesse espaço, haveria a Malu dos sonhos sonhados! E com ela a analista que fui, a despeito de tudo que se mostrava, como fui sendo levada a agir, montando com ela uma armadilha.

Análise Póstuma da Transferência

E como desse sonho eu ainda posso me recordar, nem tudo fica impedido, ao menos o pensar, não. Afinal, “*sim, eu atuo na linha psicanalítica!*” Essa foi minha resposta diante da primeira questão de Malu, ainda no contato telefônico.

Ela então foi me dando notícias, de maneira peculiar, do que eu encontraria adiante. “*Essa é a matéria que eu mais detesto na faculdade, mas acho que preciso disso agora.*”

Malu foi atendida por um período aproximado de três meses. Um tempo muito curto, mas bastante envolvente e inquietante para mim.

Cursando o terceiro ano do curso de psicologia, queixava-se de grande ansiedade e confusão no pensar. Filha única, relatava brigas frequentes e violentas com seus pais e um medo de perdê-los, sem ter podido de fato, considerá-los em sua vida.

A figura materna demonstrava ser a mais conflitiva, representava, de modo concreto, uma rival na relação com seu pai. Alguém cujos sentimentos se revelavam na forma de desprezo, raiva e ressentimento. Malu falava que gostaria de enxergar a mãe admirada que os amigos e família consideravam, mas a sentia na intimidade como alguém fracassada e inútil.

Já a figura de seu pai demonstrava ser a do príncipe que chegou um tanto adiantado, que não a esperou para nascer. Alguém que a elegeu, mas que não a colocou ainda no posto mais alto, por uma questão apenas de descompasso de tempo. Seria assim, quase sempre, perdoado. “*Falam que se eu tivesse nascido em outra geração teria me casado com meu pai.*”

Outras ansiedades relativas a namoros frustrados, inúmeras dependências na universidade, dívidas e um início de trabalho na área de recursos humanos atrapalhada (em minha própria fantasia) pela falta denunciada em seu português. Peguei-me surpresa nos primeiros encontros ao ver aquela imagem de uma jovem bonita ser desmontada pela constrangedora falta do “s” em suas conjugações. Deduzia, porém, que aquele podia ser um caminho que me daria as brechas da compreensão de sua não individuação e não pluralidade, quem sabe.

Um dia, após uma sessão extra, recebi sua ligação avisando que interromperia nosso trabalho. Devo considerar que apesar do incômodo, senti certa segurança de que ela não sairia. Ela saiu.

Capítulo 1.1 – Da Campa

Ao apreciar agora o primeiro contato de Malu comigo, posso localizar o leitor sobre o percurso longínquo, no sentido do profundo/inconsciente, que a análise percorre.

Klein (1952, p. 71) descreve justamente esse trajeto apontando como as questões do passado, as primeiras relações objetais são acentuadas no processo analítico. Ela compreende assim que a análise evoca no paciente as mesmas defesas que foram anteriormente vividas.

Foi, contudo, surpreendente avistar minha paciente, em seu primeiro contato comigo, já prontamente transferida, antes mesmo de eu entrar. Esse é o impacto do caso e é, também, o meio mais eficiente que pude compreender as questões das vivências das relações objetais (internas e externas) da teoria kleiniana. Malu trouxe visceralmente seu conteúdo primitivo, sua cisão tão marcada do objeto/seio bom e objeto/seio mau.

Considero aqui que, embora não seja a minha proposta para esse artigo aprofundar o conceito de contratransferência, não posso desconsiderar a repercussão dessa paciente em mim, como sua analista. Foi me percebendo “invadida/tomada” pelo universo de objetos internos de minha paciente que Klein pôde entrar no meu mundo.

Dito isso, ocupo-me de aproximar a minha morte anunciada à “morte matada” da análise, morte essa realizada na minha presença e, por que não, em conluio comigo.

Malu estava ocupada com um mundo interno muito tenso e me colocou em seu “interjogo entre a ansiedade persecutória e a idealização – ambas referindo-se a objetos internos e externos, sendo o objeto idealizado um corolário do objeto persecutório.” (Klein, 1952, p.73)

A analista é então a razão do incômodo. É esse sentimento muito ambivalente que prevalece em seu funcionamento. Coloca-me no lugar de sua mãe, a mulher fecunda, que tem bebês e tem o pênis do pai. E o colorido da relação da mãe interiorizada é trazido na transferência para a analista.

Há uma tentativa desesperada de não dependência, já que a dependência remete ao risco da perda e do desamparo. É o anúncio da necessidade do outro na sua vida, mas seria também o caminho do vínculo, que Malu ainda não pode desfrutar.

Essa possibilidade Klein identifica através dos processos primários de projeção e introjeção o início das relações objetais:

Análise Póstuma da Transferência

Pela projeção, isto é, pela deflexão da libido e da agressão em direção ao seio da mãe, fica estabelecida a base para as relações de objeto; pela introjeção do objeto, em primeiro lugar o seio, as relações com os objetos internos passam a existir... A introjeção do seio é o início da formação do superego. (1952, p.72)

E num momento assinalado pela necessidade de dependência de uma analista, nessa arquitetura que se mostra marcada pela falha dos processos de introjeção do objeto bom, o sentimento de profundo desamparo de Malu é irrompido. Assim, ela promove uma tentativa de me imobilizar, logo que chega.

Afinal, para organizar-se e lidar com toda sua angústia prevalece o seu lado de funcionamento mais neurótico, num esforço de negação de realidades psíquicas dolorosas. Suas defesas maníacas se caracterizam pelo “desejo de controlar o objeto, a gratificação sádica de dominá-lo e humilhá-lo, de sobrepujá-lo, o triunfo sobre ele” (Klein, 1940, p. 394).

É interessante que a questão de descompasso do tempo o qual ela se refere quando trata da relação com o pai, surge também comigo. Em sua despedida me fala mais seguramente, depois de um momento de choro “*D, nos encontramos na hora errada.*” É um amor (na relação comigo – uma análise) que quase acontece, é um suposto, que não pode ser desfrutado da maneira que se apresenta.

Isso encontra eco no aparato teórico kleiniano (1952, p.77) que preconiza as representações flutuantes da figura do analista em momentos diferentes ou até mesmo, concomitantes do processo, figura essa que pode ser vivida ora como superego, ora como uma parte do self ou ainda como uma outra figura internalizada do paciente.

Afinal com quais aspectos dos pais estaria eu ali deparada? Qual o colorido das suas fantasias inconscientes?

Capítulo 2 – O Emplasto: “*Conversei com meus pais e faremos assim: cada um pagará um terço da minha análise, dividiremos entre nós três*”.

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro.

Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volatim, que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou te devoro. Essa ideia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. (Assis, 1881/1994, p.19)

Na segunda sessão esse foi o aviso: o mundo, representado pela figura dos pais, houvera tirado algo dela e ela, por sua vez, triunfa agora ostentando essa dívida a ser mensalmente anunciada e cobrada.

Real por real, dividido por três pessoas. Estava diante de uma representação de um triângulo equilátero, cada lado de dimensões iguais e muito bem conectado com as outras duas partes. Ninguém sai e, por conseguinte, ninguém entra. O enigma, o “X”, um Édipo freudiano clássico!

Mas sustentar essa estrutura triangular que representa o lado de funcionamento neurótico de Malu, exige uma firmeza defensiva que garanta a não apresentação da sua fragilidade. Essa situação primitiva que se cristalizou, seu lado histérico que a mantém supostamente vitoriosa apesar das mais severas adversidades, dá a ela o direito de fazer o que quiser.

A “figura dos pais combinados” (Klein, 1952, p.78) trazendo a bandeira da culpa, especialmente por continuarem formando uma dupla fecunda, apesar da constante notificação pela menina do fracasso familiar. Também carregariam a culpa por Malu precisar de um quarto elemento, sua análise.

A figura da minha paciente ostentando, por sua vez, o triunfo da histérica: seu ressentimento. Montam assim uma única peça. Haveria ainda um elo de conexão firmado e personificado por ela mesma que, em minha alusão pessoal, seria como se Malu tivesse a chave dos vértices que conectam esse trio. Podendo em fantasia, a qualquer momento, destruir a cena de regozijo desse casal.

Parecia, especialmente nas primeiras sessões, que eu haveria de ficar impactada pelos terríveis segredos familiares que ela me revelava. Houvera guardado há anos uma traição da mãe e fora ela que tempos depois, ao descobrir uma traição do pai, mobilizou a família ao suposto (e esperado) caos.

Lida, quase que diariamente, contudo, com a frustração de, após alguns meses de brigas e uma temporária separação dos pais, uma retomada de casamento de aparente reencontro entre eles e imenso desencontro dela.

Eu, por minha vez, apesar das evidências, não compreendia porque minhas interpretações, embora sentidas por mim em muitos momentos como significativas, reverberavam momentaneamente com algum sentido para ela, entretanto retornavam rapidamente como um bumerangue, deixando um eco atordoante em minha mente.

Capítulo 2.1 – Da Campa

Uma das propostas de maior arrojo na teoria kleiniana é a compreensão da antecipação das vivências relativas à formação do superego e do complexo de Édipo, vividas, segundo a autora, nas fases mais primitivas da infância. Assim, as nuances do triângulo edípico de Malu ganham um sentido mais claro.

As descobertas de Melanie Klein levam em consideração a obliquidade dos impulsos sádico-orais que permeiam esse período da vida. A autora localiza nos estágios iniciais do Complexo de Édipo, na fantasia dos “pais combinados” o modelo do cenário da inveja, ciúmes e, por conseguinte, do ressentimento.

Klein pressupõe que existe uma prontidão do bebê para perceber a sexualidade dos pais, já que a fantasia infantil está aliada à concepção, pela perspectiva de terem outros bebês.

Esse seria um cenário de uma ligação muito afrontosa e sombria, que culmina num sentimento forte de inveja, já que a criança sente a ameaça de expulsão. “A fantasia dos pais combinados extrai sua força de outro elemento da vida emocional arcaica, isto é, da poderosa inveja associada aos desejos orais frustrados.” (Klein, 1952, p.78)

Assim, desde a primeira infância, a perspectiva dessa figura materna desejada e temida, poderosa e invejada está presente. Se a relação com a mãe pode oferecer um amparo na capacidade de integrar, de reparar os sentimentos sádicos de ataque ao seu corpo e aos conteúdos que, por suposição, ele detém; então a presença paterna pode ser vivida de maneira menos persecutória, sem essa força tão intensa da idealização e da hostilidade.

Klein compreende a origem do sentimento de culpa como um fruto do complexo de Édipo. Ao introjetar os objetos de amor edípico há um desenlace da culpa, que é efeito da formação do superego. Nota-se que a ansiedade infantil gerada pelo começo do complexo edípico, mobiliza na criança o medo de ser devorada e destruída.

Como ela mesma ambiciona destruir seu objeto libidinoso é gerada uma ansiedade, na medida em que o avivamento das forças edípicas é acompanhado pela introjeção objetal. Há uma expectativa temerosa de que receberá uma retaliação tão violenta quanto seu suposto ataque. “O superego se transforma em algo que morde, corta, devora.” (1981, p. 255).

A análise de Malu revelara realmente a grande intensidade de seus impulsos sádico-orais e sua quase incapacidade de lidar com tensões. E como a potencialidade do pensar e do criar varia de acordo com a internalização dessa dupla parental, podemos supor o enredo dessa vivência para ela.

A possibilidade mais afortunada seria, afinal, que por amor à mãe a criança pudesse receber esse pai e seguir, conseqüentemente, buscando novas fontes de gratificação.

Malu, contudo, me apontava, através dos seus grandes entraves a situação infantil à qual se agarrara com toda sua força. Como não pode admitir que vem de uma cópula criativa, logo não fertiliza. Está sempre em função de separar.

Capítulo 3 – Das negativas: “Fui apaixonada pelo professor Otávio, que me ensinou a regra de três.”

Divino emplasto, tu me darias o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, porque eras a genuína e direta inspiração do Céu. O caso determinou o contrário; e aí vos ficais eternamente hipocondríacos. (Assis, 1881/9994, p.234)

A regra de três é usada nas situações de proporcionalidade, usando de três valores já informados para o cálculo de um quarto valor.

Por aqui fui presenciando o desencontro de Malu. Esse professor, figura idealizada pelas condições da puberdade, parece ter oferecido a essa menina a ideia do corte, da interdição paterna que se mostrara falha em sua vivência com o pai real interiorizado.

“Meu pai fala que não sabe o que fazer com a minha mãe.”;

“Nós dois saímos sábado, juntos, fomos a um barzinho, foi perfeito!”;

“Quando pequena, meu pai falava para a minha mãe que se algo acontecesse comigo ele a mataria.”

Muitas vezes, durante algumas sessões, tive um impulso de ser o professor Otávio para Malu. Como quando diante de relatos que pareciam ser um atentado à sua própria vida. Meus pensamentos e sentimentos se dividiam, entre a constante tentativa de sair da vivência concreta e a perturbação causada por sua narrativa.

Eu conjecturava: “Era um sonho... Eu teria de ouvir como tal... Malu estava de pijama, dirigia de pijama até outra cidade. Isso só pode ser mesmo um sonho então! Dormiria na casa da prima, já ia pronta.

Estava acima da velocidade permitida, muito acima... em seu velho carro, sem cinto de segurança e seu carro ficou sem freio!. Eu confusa novamente.

Mas ela estava viva. Cadê Otávio?

Malu não precisava de Otávio, nem de cinto, nem de freio, tão pouco de mim.

Capítulo 3.1 – Da Campa

A falta da força do papel paterno, do pênis organizador. A falta da firmeza que é exercida com amor, mas que é potência masculina refletem em sua dificuldade de lidar com o outro, justamente por ser outro, diferente. Sua questão edípica muito mal elaborada.

Esse pai que não oferece a interdição, que não a localiza – ao menos no colorido das fantasias dessa menina – no papel de filha e que potencializa seus sérios entraves. É como se Malu, sob certa perspectiva, tivesse que se interditar sozinha, o que supõe um bloqueio de si mesma em muitos sentidos.

Uma dificuldade muito grande em desidealizar o que pode e o que não pode ter, as relações que pode ou não viver. Uma vida na condicional, que realmente confirmo agora: não pluraliza, já que não se individualizou.

Segundo Klein (1981), a formação do superego começa no exato momento em que a criança realiza a primeira introjeção oral de seus objetos.

Como as primeiras imagos constituídas desta maneira são dotadas de todos os atributos do sadismo violento que distingue este estágio do desenvolvimento, e como devem ser projetadas de novo sobre os objetos do mundo externo, a criança é dominada pelo medo de sofrer, por parte de seus objetos reais e por parte de seu superego, ataques de uma crueldade inimaginável. Sua angústia servirá para reforçar suas tendências sádicas levando-a a destruir os objetos hostis para escapar da agressão deles.

A percepção da ausência é substituída por um falo poderoso, compatível ao de um mundo anal, do controle, do poder sobre o outro.

Em sessões como essas, nas quais suas narrativas percorriam parte da sua fantasia onipotente, eu sentia como se Malu incutisse em mim a vontade de tirá-la do perigo.

Nesse processo Otávio parece ser a personificação da interdição, da figura que poderia prover a vida e soltar as tensas amarras de Malu. Descobrir que a regra de três permite a conquista do valor “X”, do enigma, do quarto elemento... O elemento individualizado Malu, por ela mesma, que pode campear suas gratificações, assim como se responsabilizar por sua vida.

Com certo tom de criança arteira Malu me contou que roubou a pequena foto de seu professor do quadro de mérito da escola. Otávio agora era posse dela, também não precisava aprender com ele mais nada.

Capítulo 4 – A Alucinação: *“Estou muito brava com você D, desde a semana passada. Percebi que até você gosta da minha mãe!”*

“Era verdade. Entrei apressado; achei Virgília ansiosa, mau humor, fronte nublada. A mãe, que era surda, estava na sala com ela.” (Assis, 1881/1994, p.93)

“Minha mãe fala “ahã” para mim e não faz o que teoricamente concordou.”

Ela me avisou que iria interromper o tratamento porque seus pais, ao contrário do prometido, não se importavam em dar-lhe o dinheiro da análise na data que ela pedia e que, desta forma, a análise tornara-se mais um motivo de brigas e frustrações.

Nesse momento, se por um lado eu procurava manter as convicções do meu trabalho como sua analista, por outro fui sendo tomada por grande irritação. Procurando alternativas para pensar com ela possibilidades reais, sai do papel de analista. Estava eu no papel de filha de mãe surda.

“D, se eu ou uma porta falarmos, minha mãe escutará a porta! Porque a porta é uma novidade e eu não.”

A surda agora era Malu. E eu, falando com empenho, negando a surdez. Novamente ela parecia considerar minhas tentativas de propor o pensar, mas logo me dizia, por outros meios, do que ocorria com ela realmente. E tive notícias por intermédio do que ocorreu comigo.

Minha fala voou numa rajada inicialmente raivosa, depois me trazendo algum alívio: *“Malu, eu não sou uma porta. Posso escutar e aceitar o seu não. Embora eu não concorde que você deva interromper. Estarei aqui caso queira retomar.”*

Mas a última palavra não é minha!

Capítulo 4.1 – Da Campa

O clima dessas sessões é dificilmente transcrito. Talvez justamente por tratar de questões muito precoces onde a palavra ainda não adquirira valor simbólico. Talvez por falar do seu sentimento de desamparo infantil, através da projeção em mim, com elementos muito realistas.

Como quase sempre a ambivalência de minha paciente era marcada por uma certa divisão em meu próprio pensamento também. Mas a invasão era maior, naquele momento, do que minha capacidade de me separar e o labirinto me aspirou.

Os gritos dela ecoariam: “D, você é minha mãe!”; “D, você é o casal hostil que me abandona aqui sozinha!”; “D, você é a filha de uma mãe surda!”

Klein (1952, p. 77) localiza no “fato de terem suas origens na infância mais remota que explica a força dessas flutuações na transferência, bem como suas rápidas alternâncias – às vezes, até mesmo numa única sessão.”

Djmena Coral Nakamura

E entende que podemos, como analistas, representar para o paciente, algumas vezes o casal parental em si, mobilizando sentimentos de uma “aliança hostil” (1952, p. 77) contra o paciente.

Onde mora a experiência da desidealização da figura da analista, vive o insuportável. É lugar onde todos os seus recursos defensivos são avivados. Malu previne a separação encerrando a análise. Para ela minha morte é uma questão de sobrevivência. O tipo de sobrevivência que ela pôde, em algum momento remoto, abarcar.

Último capítulo: “*Eu vou te ligar ainda. Mesmo que seja para lhe dizer que estou ótima!*”

"Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas Memórias Póstumas." (Assis, 1881/1994, p.15)

Ela me ligou. Perguntara se eu estaria livre, pois gostaria de me pagar naquele dia. Malu não chegou.

Isso meu supervisor já me avisara de antemão. “*Se prepare para não receber esse pagamento.*” Mas eu? Eu já estivera morta, no primeiro capítulo.

“Conseqüentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas cá no outro mundo.” (Assis, 1881/1994, p.16)

Conclusão: Bem-aventurados os que não descem

Tal era a pergunta que eu vinha fazendo a mim mesmo ao voltar para casa, de noite, sem atinar com a solução do enigma. O melhor que há, quando se não resolve um enigma, é sacudi-lo pela janela fora; foi o que eu fiz; lancei mão de uma toalha e enxotei essa outra borboleta preta, que me adejava no cérebro. Fiquei aliviado e fui dormir. Mas o sonho, que é uma fresta do espírito, deixou novamente entrar o bichinho, e aí fiquei eu a noite toda a cavar o mistério, sem explicá-lo. (Assis, 1881/1994, p.82)

Nesse capítulo onde a morte me permite “cavar o mistério”, no capítulo da análise, as questões de minha paciente não me dizimam.

Análise Póstuma da Transferência

Através do viés da ferramenta da transferência e dos conceitos do desenvolvimento mental primitivo, procurei compreender o caso clínico.

Minha concepção da transferência envolve uma técnica através da qual os elementos inconscientes da transferência são deduzidos a partir da totalidade do material apresentado....Ou seja, ele (paciente) se afasta do analista como tentou se afastar de seus objetos primários; tenta cindir a relação com ele, mantendo-o como uma figura boa, ou como figura má: deflete alguns dos sentimentos e atitudes vividos em relação ao analista para outras pessoas em sua vida cotidiana, e isto faz parte da “atuação”. (Klein, 1952, p.78/79)

Considero agora, deste outro lugar, que minha paciente trouxe sim em seu primeiro contato o seu destino já anunciado, mas também percebo que para percorrer esse trajeto eu fui eleita. Portanto, entre esse começo e o fim, houve uma história, uma relação imbuída das particularidades de cada personagem. E, em especial, uma história ditada, letra por letra, pela minha paciente. Um ditado que segui, compreendendo parcialmente seu sentido. E que remonto agora na forma alusiva a de um epitáfio.

Machado de Assis compareceu sem convite, chegou deixando um tanto de sua perspicaz ironia ao velório e foi me aliviando da concretude dos fatos. Fez a ponte, a curta ponte entre a teoria e a prática, a vida e a morte. Sinto que cumpri parte importante de minha tarefa contudo, ao percorrer esse campo árido do fim arriscando o encontro de um significado para essa experiência de vida. De alguma maneira, senti que minha ansiedade e culpa diminuiram e meu amor e ódio puderam ser mais bem sintetizados.

“A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus. Brás Cubas”. (Assis, 1881/1994, p.16)

Referências

- Assis, M. (1881). *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ed. Coleção Vestibular Estadão. Klick (1994).
- Klein, M. (1970). *Primeiras fases do Complexo de Édipo*. In *Contribuições à Psicanálise*. (M. Maillet, Trad., pp. 253-268). Mestre Jou. (Trabalho original publicado em 1928)
- Klein, M. (1991). *As Origens da Transferência*. In *Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos*. (pp. 70-79). Imago. (Trabalho original publicado em 1952)
- Klein, M. (1996). *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco depressivos*. In *Amor Culpa e Reparação e Outros Trabalhos*. (J.O. Abreu, Trad., pp.301-329). Imago (Trabalho original publicado em 1935)
- Klein, M. (1996). *O luto e suas relações com os estados maníaco depressivos*. In *Amor, Culpa e Reparação e Outros Trabalhos*. (A. Cardoso, Trad., pp. 385-412). Imago (Trabalho original publicado em 1940).